

Como ficam os pequenos

■ Pacote contempla empresas com medidas de estímulo a exportações e investimentos

VIVIANE NOGUEIRA

Expectativa. É este o clima reinante entre os pequenos e médios empresários em função das medidas anunciadas esta semana pelo governo. A curto prazo, quem tem negócios na praça não consegue vislumbrar vantagens, mas a criação de um fundo de aval para pequenas e médias empresas no valor de R\$ 300 milhões veio em boa hora: o fundo deve oferecer garantias reais e oferecer quase dez vezes esse valor em empréstimos para os pequenos – sempre vítimas das exigências absurdas dos bancos quando o assunto é crédito.

Para estimular as exportações, o governo deu permissão para que produtores de insumos utilizados em produtos exportados possam ter acesso ao crédito externo. O Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC) permite ao empresário receber em reais antecipadamente o valor que ganharia em dólar pela transação.

Em meio a tantas novidades, só mesmo os especialistas para ajudar no entendimento. “Quem tiver condições deve evitar recorrer às linhas de financiamento”, aconselha o diretor superintendente do Sebrae/RJ, José Augusto Assumpção Brito.

“Quando uma empresa começa a exportar, melhora inclusive para o mercado interno, pois aumenta a produtividade e se acostuma com padrões de qualidade elevados”, diz Luiz Carlos Barbosa, chefe do Departamento de Apoio às Pequenas e Médias Indústrias da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que considera a medida um instrumento moderno: “Nos EUA, a SBA, agência governamental que opera com recursos do Tesouro é que financia as pequenas empresas”.

De acordo com Benito Paret, presidente da Federação Fluminense das Micro, Pequenas e Médias Empresas (Flupeme), o pacote do governo tem duas vertentes: o agravamento da situação a curto prazo, já que o quadro recessivo deve piorar. Mas, supondo que as medidas gerem credibilidade, os juros caiam e o país volte a ser interessante financeiramente – atraindo investimentos –, as empresas deverão se recompor e só então as linhas de crédito anunciadas começarão a funcionar.

“O que se espera é que, cumprindo esse rito, as medidas beneficiem os pequenos da cadeia produtiva”, diz. “Enquanto os juros continuarem altos, não adianta nada. Para que você vai com-

prar uma coisa mais cara hoje se o preço pode cair amanhã?”

Benito ora critica, ora elogia as atitudes do governo. Apesar de não ter a receita, sua intuição indica que não foi feita a coisa certa, embora tenha havido coragem. Num ponto ele se rende: o aval ao crédito, antes limitado, deve ficar mais fácil. “Se eu pedir R\$ 100 mil, o fundo vai garantir R\$ 60 mil e o resto é negociado. De repente em vez de pedir a mãe, eles pedem o irmão como garantia”, brinca. A retração do mercado, no entanto, é inevitável. “Todos estão receosos. Sei de empresas que tiveram pedidos cancelados. Não sei se até 1998 dá tempo de melhorar. Muitos devem quebrar no meio do caminho”, lamenta.

Para o presidente da Associação Brasileira de Franchising, Daniel Plá, da rede de revelações fotográficas De Plá, o perigo está nas importações, que devem contar com uma alta nos preços e conseqüente queda na demanda. “O problema é que quem trabalha com produto nacional também vai aproveitar para subir os preços”, prevê. A De Plá, que já estava estocada para o Natal, não deve sofrer com as medidas. “Mas os meus concorrentes...Sei de gente que vai ter sérios transtornos”.